

Cartografia da Resistência: ampliando vozes e narrativas femininas

Cartography of Resistance: amplifying female voices and narratives

Geisa Katiane da Silva (PPGA-UFES)
Stela Maris Sanmartin (PPGA-UFES)

Resumo: A exposição “Fratura” que esteve em exposição de setembro a novembro de 2024 na Galeria Homero Massena, da artista Geisa da Silva, traz as complexidades das histórias femininas ao longo do tempo e como essas histórias ao serem reveladas levantam questões significativas sobre a visibilidade das narrativas esquecidas e silenciadas. Explorar como as histórias das mulheres podem ser reconstruídas por meio da cartografia, conectando pontos de interseção em diferentes períodos históricos e geografias, oferece uma oportunidade de compreender as complexidades de suas experiências e identidades.

Palavras-chave: artes visuais. ensino das artes. cartografia.

Abstract: *The exhibition “Fratura”, which was on display from September to November 2024 at Galeria Homero Massena, by artist Geisa da Silva, brings out the complexities of women’s stories over time and how these stories, when revealed, raise significant questions about the visibility of forgotten and silenced narratives. Exploring how women’s stories can be reconstructed through cartography, connecting points of intersection across different historical periods and geographies, offers an opportunity to understand the complexities of their experiences and identities.*

Keywords: *visual arts. art education. cartography.*

“se quisermos compreender quando e porque a cartografia é uma arte, precisamos considerá-la da perspectiva do artista.” Richard Wollheim, 2002

Na esfera da cartografia, a criação de mapas ocorre mediante uma abordagem imparcial à descrição do espaço, resultando na representação daquilo que é observável e plausível em uma superfície plana. Na arte da cartografia, os elementos físicos do espaço são concebidos de forma intencional e provocativa, conferindo ao mapa uma perspectiva pessoal e singular, que se distingue dos moldes tradicionais.

A interligação entre a cartografia e a arte, como observada por Besse (2014), revela que as competências visuais compartilhadas entre pintores e cartógrafos contribuem para uma abordagem cognitiva semelhante na interpretação e representação do espaço. Ambos os grupos de profissionais compartilham uma capacidade de decifrar os sinais que definem a singularidade das paisagens, independentemente de sua orientação artística ou científica.

O pensamento de Cosgrove (2006) nos leva a refletir sobre como a cartografia, tradicionalmente associada à precisão e funcionalidade, também pode ser uma ferramenta poderosa para provocar reflexões e expressar ideias. O desafio das convenções cartográficas no meio acadêmico reflete a constante evolução do pensamento humano e a busca por novas formas de expressão. Portanto, a cartografia não está confinada a um único propósito, mas demonstra sua notável versatilidade, adaptando-se a uma ampla gama de contextos e finalidades, seja na ciência, na arte ou como uma ferramenta política e contemplativa.

Os artistas de fato reinterrogam os procedimentos próprios à cartografia. Eles acentuam problemas que os cartógrafos no exercício de seu trabalho acabam por não mais perceber, tamanha é a preocupação em produzir instrumentos confiáveis para localizar-se no espaço e avaliar as distâncias entre localidades designadas e nomeadas. (Tiberghien, 2013, p. 236)

Segundo o autor, enquanto os cartógrafos muitas vezes se concentram em criar mapas precisos e funcionais para fins de navegação e localização, os artistas trazem uma perspectiva que vai além da utilidade prática. Eles desafiam os procedimentos convencionais da cartografia, destacando problemas e nuances que podem passar despercebidos pelos cartógrafos, que estão preocupados principalmente em produzir ferramentas confiáveis de orientação no espaço. Ao fazê-lo, os artistas acrescentam camadas de significado e subjetividade à cartografia, explorando questões mais amplas relacionadas à representação do espaço, identidade e narrativa. Essa abordagem artística da cartografia pode levar a novas e instigantes interpretações do mundo ao nosso redor, indo além das fronteiras da cartografia tradicional.

Fratura

De meu olhar,
A vida congelada no solo íntimo,
Observa a distração de muitos,
E murmura uma linguagem estranha,
Mas eu compreendo cada nuance,
Pois quem partilha Fra-tu-ras
Decifra todos os reconhecimentos,
E testemunha o momento em que o silêncio,
Tido como eterno,
Prestes está a se despedaçar.
Taciane Alves (2023)

A exposição "Fratura" que esteve em exposição de setembro a novembro de 2024 na Galeria Homero Massena, da artista Geisa da Silva, traz as complexidades das histórias femininas ao longo do tempo e como essas histórias ao serem reveladas levantam questões significativas sobre a visibilidade das narrativas esquecidas e silenciadas. Explorar como as histórias das mulheres podem ser reconstruídas por meio da cartografia, conectando pontos de interseção em diferentes períodos históricos e geografias, oferece uma oportunidade de compreender as complexidades de suas experiências e identidades.

Quebrar, dividir e fragmentar - "Fratura". Irmão, afeto, cordial - "Fraterno". Uma dicotomia: "Fratura" desvela narrativas em que a dor, infligida pelas mãos do familiar, do amigo próximo, do parceiro e do conhecido, ousa aparecer, rompendo a complexa interseccionalidade de sobre-vivências, fraturando a íntima con-vivência. (parte texto curatorial da exposição - Adriana Magro e Taciane Alves, 2023)

A palavra "fratura" evoca a ideia de quebra, divisão e fragmentação, sugerindo a presença de dor e sofrimento nas narrativas que estão sendo exploradas. A menção de que essa dor é infligida por figuras familiares, amigos próximos e conhecidos destaca a complexidade das relações interpessoais e a ousadia dessas narrativas em trazer à tona essas experiências dolorosas, histórias que abrangem narrativas de sobrevivência, cicatrizes, resiliência e dor, abordando temas profundos e multifacetados.

A oposição entre "fraterno" e "fratura" ressalta a dualidade dessas experiências. Enquanto "fraterno" evoca afeto e cordialidade, "fratura" expõe feridas e cicatrizes que podem ocorrer em relações próximas. A interseccionalidade das sobre-vivências destaca que essas histórias envolvem diversas dimensões da vida e identidade, aprofundando a experiência da fratura. Ela também destaca o conflito



Exposição "Fratura" - Foto: Ana Paula Sial, 2023

entre a capacidade de dar voz e o silenciamento, entre o visível e o invisível, um conflito frequentemente vivido por mulheres. Essa dualidade se manifesta na expressão tangível e no silêncio, abordando histórias de superação, cicatrizes, resiliência e dor.

Em outra perspectiva, fraturar, fragmentar, romper, desestruturar é um princípio importante para a ação criativa que necessita desconstruir, romper com o estabelecido para criar novas formas, encontrar soluções criativas para os diferentes desafios da vida cotidiana. Especificamente nesta ação artística realizada colaborativamente, vale destacar que a expressão dos “pedaços de memórias” em mapas cartográficos pode ter significado um processo de criação e cura.

A instalação “Fraturas” busca trazer a complexa relação entre o que é comunicado e o que permanece oculto, particularmente no contexto de violência de gênero. A ambiguidade entre a voz escondida e a voz revelada é um tema central, destacando como narrativas silenciadas frequentemente coexistem com narrativas compartilhadas. Isso nos desafia a explorar as complexas dinâmicas da comunicação, especialmente nas experiências de violência de gênero. Como preencher o espaço vazio em que suas vozes foram silenciadas?

A arte contemporânea atua como um espelho que reflete as complexidades da sociedade. Em sua essência, a arte não fornece soluções definitivas para os desafios sociais, mas sim traz reflexões muitas vezes invisíveis na sociedade à tona. Portanto, a arte não busca resolver problemas imediatos, mas sim revelar, inquietar



Exposição "Fratura" - Foto: Ana Paula Sial, 2023

e lançar luz sobre as rachaduras ocultas na sociedade. Assim, a responsabilidade da artista vai além de fornecer respostas prontas, estimulando a inquietação, promovendo diálogos construtivos e desafiando as convenções estabelecidas. A arte atua como uma lente que nos permite perceber e compreender o mundo ao nosso redor, lembrando-nos de que, para buscar a transformação da sociedade, é essencial compreendê-la em toda a sua complexidade.

No contexto desse espaço, os mapas transcendem sua função tradicional e se tornam ferramentas íntimas e pessoais para compartilhar essas histórias, enfatizando as sobreposições culturais e as nuances de vidas complexas. A cartografia surge como uma poderosa ferramenta para dar visibilidade e significado às histórias das mulheres, enquanto destaca as complexidades e desafios inerentes ao processo. Sendo assim, nesse espaço a cartografia desempenha o papel de "mapear" e "conectar" essas narrativas fragmentadas na luta, visando compreender e valorizar as vozes das mulheres ao longo do tempo e espaço, contribuindo para o diálogo sobre questões de gênero, poder e narrativa.

"Fratura" promove compreensão das experiências das mulheres que enfrentaram a violência de gênero e das complexas dinâmicas que envolvem a expressão e o silenciamento. O uso da cartografia como meio de expressão e resistência demonstra como as narrativas femininas podem ser unidas e compartilhadas, mesmo quando confrontadas com divisões históricas e geográficas.

Referências

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

COSGROVE, Denis. **Art and Mapping**: An Introduction. In: Cartographic Perspectives. Number 53, Winter 2006.

WOLLHEIM, Richard. **A pintura como arte**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

TIBERGHIEEN, Gilles. Imaginário cartográfico na arte contemporânea sonhar o mapa nos dias de hoje. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 57, p. 233-252, dez. 2013.

Geisa Katiane da Silva

Minibio: Doutoranda em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Professora de Artes na Secretaria de Educação do Estado (SEDU). Seu foco de pesquisa e criação está nas conexões entre arte e cartografia, com ênfase em espaços de memória e o tema da violência. Expôs a obra "Travessia" no Parque das Esculturas – Casa do Governador (Vila Velha/ES). É a idealizadora do projeto "Singu(lares)", que oferece formações artísticas para alunos de escolas públicas no Espírito Santo.

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6080-7513>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7399460147064912>

Stela Maris Sanmartin

Minibio: Pós-doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pelo Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento e Educação, PGPDE da Universidade de Brasília, área Psicologia da Criatividade (2022), Doutora em Educação pela USP (2013), membro do Instituto Avançado de Criatividade Aplicada Total IACAT, Santiago de Compostela, Espanha; presidente futura da Associação Brasileira de Criatividade e Inovação CRIABrasil; membro do Conselho Editorial Nacional da Revista Ibero-Americana de Criatividade e Inovação RECRIAI (Iberoamerican Journal of Creativity and Innovation) e da Câmara de Assessoramento em Inovação da FAPES/ES.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7276-0584>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3169230790004855>